
Gente da Caatinga e a Comunicação da Existência Frente a Desterritorialização pelas Obras e Programas de Empresas Privadas, ONGs e Governamentais no Submédio São Francisco, Bahia¹

Aurilene Rodrigues LIMA²
Eliã Siméia AMORIM³
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

RESUMO: Discute a comunicação caatingueira, além das mudanças provocadas pelas obras governamentais, empresas privadas e ONGs, que deslocam essa gente de seus espaços. A metodologia foi a pesquisa empírica e a etnografia (GEERTZ, 2008), com entrevistas gravadas e transcritas com moradores de Sento-Sé, Bahia. As conclusões remetem aos conflitos gerados pela inexistência de comunicação com os caatingueiros.

PALAVRAS-CHAVE: Caatingueiros; Comunicação da Existência; Sensibilidade e Afeto; Desterritorialização.

1. A Caatinga e essa Gente Caatingueira

Ser caatingueiro se vincula ao seu lugar de moradia, constituído por um conjunto de aspectos formados pela vegetação, pelo clima e pela geologia que são próprios, específicos e que, por isso mesmo, não se deve confundir **caatinga** com **sertão**, uma vez que este último se refere a qualquer área desabitada, em qualquer lugar do mundo. Quando se usa a denominação sertão para a caatinga, há um despovoamento desse espaço, uma perda de identidade. Da mesma forma, “a caatinga está no semiárido por possuir um clima semiárido, mas o semiárido não é caatinga” (LOPES, 2019, s/p).

Os elementos materiais e imateriais presentes na mundaneidade caatingueira se constituem um tanto diferente das referências construídas pela civilização ocidental moderna, portanto, não tem como registro desses elementos, ruínas, prédios, monumentos; eles estão diretamente vinculados às características próprias desse bioma e

¹ Trabalho apresentado no DT 7 – COMUNICAÇÃO, ESPAÇO E CIDADANIA. GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP). Docente Assistente da Universidade do Estado da Bahia, UNEB – DCH – Campus III, Juazeiro (Ba), e-mail: aurilene.rl@bol.com.br

³ Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP). Docente Assistente da Universidade do Estado da Bahia, UNEB – DCH – Campus III, Juazeiro (Ba), e-mail: eliasimeia@yahoo.com.br

das relações de interdependência, que se estabelecem entre o homem e a natureza. Essas relações se mostram através dos processos comunicacionais, que se desenvolveram ao longo do tempo, desde a presença do homem Pré-histórico até os dias atuais.

Em Sento-Sé a presença material está nas pequenas construções de palha, pedra ou alvenaria, como as casas para moradia, as pequenas igrejas nos povoados, além da igreja matriz na sede, mais imponente; no subsolo, pelo fato de possuir uma grande variedade de minérios como cristais, ametistas e ferro; nos mais de 136 sítios arqueológicos já catalogados⁴; nas suas nascentes, na fauna e na flora mais bem preservadas, estando o seu território, quase na sua totalidade dentro do Parque de Conservação Nacional, recém criado, o Boqueirão da Onça; nos ventos recém descobertos para produção de energia eólica e no Rio São Francisco⁵ que desapareceu com a construção de uma grande barragem, para dar lugar a um dos maiores lagos artificiais do mundo: o Lago de Sobradinho.

A existência de caatingueiros nessa região de caatinga se materializou pela criação de animais, inicialmente com a criação do gado. Com o declínio da pecuária bovina, essa atividade se fortaleceu com a criação de caprinos e ovinos; também pela produção da farinha, em decorrência da sua atividade agrícola básica: a cultura de subsistência, especialmente com a plantação de mandioca, milho, feijão, abóbora, batata e outras leguminosas.

A seca e o verde norteiam a vida da população caatingueira e beradeira. Sobre os beradeiros, estes também fazem parte da constituição do seu povo, em razão da vida na beira do rio. É um povo que vivia às margens do Rio São Francisco, plantando nas suas margens ou nas ilhas. Com a construção da Barragem de Sobradinho, tiveram os seus modos de vida completamente modificados como veremos mais adiante. As duas populações, caatingueira e beradeira, desenvolvem em alguns momentos, atividades de interdependência. Para esses povos, quando chove, tudo muda, porque tudo fica verde, riachos cheios, mata fechada e o converseiro no vai e vem da labuta do dia a dia. Quando a seca chega, tudo para um pouco. O cotidiano é mais lento, é tempo de usar o que guardou do tempo verde, de cuidar mais dos animais, de se lamentar e planejar o que virá. Nas

⁴ Ver Kesting (2014)

⁵ O Rio São Francisco, o Velho Chico, nasce na Serra da Canastra em Minas Gerais e deságua no oceano atlântico. Percorre cinco estados e quinhentos e vinte e um municípios. Na região do Submédio São Francisco, do lado do Estado da Bahia, o seu curso foi alterado para a construção da barragem de Sobradinho. Esse fato, provocou de certa forma o ‘desaparecimento’ do rio tal qual a população o conhecia, formando um imenso lago em seu lugar.

caatingas, a produção é estruturada de um modo tradicional pela existência de cacimbas e mais recentemente pela cisterna e pela implantação de poços artesianos, estes últimos movidos pela energia solar ou por cata-ventos; chiqueiros para a criação de pequenos animais; currais para o gado; pequenos roçados para o tempo de chuva e a casa da família (LOPES, 2012).

São esses povos que constituem hoje a população de Sento-Sé. Os acontecimentos contribuem para ele expressar tudo aquilo que vive, experimenta, através de proposições, expressões da linguagem. Esses acontecimentos surgem do meio onde esse sujeito se constitui, é movimento, tensão. Um jeito de pensar antes do sujeito, um sujeito pré-social ou social possível, um pré-texto, não como explicação, mas, como um campo problemático. Nesse sentido, temos a figura do boi, que ao ser introduzido na caatinga pelos colonizadores, como estratégia de ocupação foi decisivo na formação do caatingueiro, por meio da formação do vaqueiro⁶, personagem que se constituiu na lida com esse animal. O povo caatingueiro e beradeiro de Sento-Sé vive até hoje lutando pela sua terra, não porque é proprietário dela, mas porque a ela se sente pertencente.

As pesquisas em que derivam o presente texto se iniciam em meados dos anos 2000, quando buscou-se desvelar as linguagens, sentimentos e processos comunicacionais dos povos tradicionais da região do submédio São Francisco, em especial, da Sento-Sé original para a Sento-Sé deslocada pela desterritorialização provocada pela enchente das águas do São Francisco na construção do Lago de Sobradinho, durante o Governo Militar Brasileiro (1964-1985) e que deixou seus rastros de incertezas, medos, desconfiança até hoje sentidas pela população local, em especial os beradeiros e caatingueiros, que sobrevivem da terra e das águas. Neste sentido, depois de tantos anos passados, voltamos a algumas discussões elucidando ainda os sentimentos do povo por sua terra, pelo impulsionamento de novo processo de deslocamento, agora pelas construções das torres de energia eólica pelas obras e programas de empresas privadas, ONGs e Governamentais. O site do Instituto Regional de Pequena Agropecuária Apropriada – IRPAA⁷, traz diversas notícias, informes e relatos de como tais programas têm afetado diretamente a vida do povo desta região e este é apenas um pequeno retrato da situação atual. Consideramos, então que tal discussão acerca dos deslocamentos, tanto

⁶ O ofício de vaqueiro é considerado Patrimônio Imaterial da Bahia, através do decreto número 13.510 de agosto de 2011. Os seus saberes e fazeres são considerados uma profissão.

⁷ <https://www.irpaa.org/>

para a construção da barragem, como para as atividades mineradoras, o novo mapeamento regional e a implantação dos parques de energia eólica trazem à tona antigos sentimentos, revivem conflitos e disparam tensões onde o novo e o velho se misturam. O objetivo geral volta-se à perspectiva adotada em situar as diferentes forças que atuaram no processo de deslocamento, como as coisas se manifestam e neste sentido, como os caatingueiros e beradeiros se comunicam ao expressar seus sentimentos acerca da desapropriação e deslocamentos de seus territórios. Não houve intenção em apurar os fatos. Esse modo de pensar, comunga com o modo de pensar dos caatingueiros, eles não querem apurar os fatos, mas se situar.

O conceito de território foi desenvolvido nesta tese a partir também do olhar desses personagens, pois entendemos que a disputa política no campo tem mais a ver com as questões territoriais a partir destes sujeitos deslocados, uma vez que é a relação com a terra que está sendo posta. O geógrafo Milton Santos (1978), afirma que na utilização do território dá-se a criação do espaço; e este sendo imutável em seus limites, vai apresentando mudanças no correr do tempo e da história. O território abrange pessoas que disputam poder em determinado lugar e nele surgem as apropriações do capitalismo internacional enquanto o povo empobrece e perde suas forças. (SANTOS, *op. cit.*)

Os procedimentos metodológicos empíricos, adotam traços da pesquisa etnográfica, unida à ideia de descrição densa de um grupo ou população, que segundo Geertz (2008, p. 4), o que define a prática etnográfica “é o tipo de esforço intelectual que ela representa: um risco elaborado para uma "descrição densa". Essa descrição envolve dentre outras coisas uma interpretação dos menores gestos humanos. Nesta pesquisa, esse esforço não se limitou somente a descrever, mas compreender ativamente as expressões linguageiras dos caatingueiros, também historicamente ignoradas. O apelo a um método que tem a sua origem na antropologia se dá não por haver uma divergência de opinião entre os objetivos dos projetos e os dos caatingueiros, mas uma diferença cultural, pois, não se trata de ouvir uma outra parte de uma realidade, mas ouvir de outro modo. Neste artigo, de forma bem simplificada e objetiva se procurou demonstrar que os sentidos produzidos acerca desses conflitos são passíveis de serem ouvidos e compreendidos, mas isso exige uma atenção diferente.

Foram ouvidas mais de uma dezena de pessoas, dentre elas beradeiros, caatingueiros, gente da roça, que vive da terra no município de Sento-Sé, que de modo

simplificado vamos reproduzindo suas falas, em especial, tentamos trazer à tona, as que evocam o profundo sentimento e o afeto do povo caatingueiro e suas lembranças.

2. A terra, o sentimento e o afeto do povo caatingueiro

O sentimento de pertencimento à terra da gente caatingueira está diretamente relacionado com os processos de territorialização e desterritorialização vivenciados por esta população, desde meados do século passado. Andrade (2006) compreende que,

O conceito de território não deve ser confundido com o de espaço ou de lugar, estando muito ligado à ideia de domínio ou de gestão de uma determinada área. Assim, deve-se ligar sempre a ideia de território à ideia de poder, quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas que estendem os seus tentáculos por grandes áreas territoriais, ignorando as fronteiras políticas.

Ao discutir a questão da desterritorialização, Haesbaert (2003, p.13) nos chama a atenção sobre o conceito de território que estamos considerando. A partir das três vertentes básicas apresentadas por ele: a jurídico-política, a culturalista, a econômica e a naturalista. Sendo esta última, segundo ele, a menos usual. Neste trabalho, compreendemos o bioma caatinga, como um território onde se inter cruzam diferentes modos de atuação.

A dimensão naturalista, que implica numa relação indissociável entre a sociedade e a natureza é a que mais o define, juntamente com a dimensão culturalista, pela dimensão simbólica que permeia essa relação. Entretanto, no contexto de imposição dos projetos de modernização que ora atravessam o mundo caatingueiro, esse espaço está sendo também controlado por forças jurídico-políticas e economicistas, pela forte presença de empresas privadas.

Entendemos o território caatingueiro a partir das considerações feitas por Haesbaert (2013), como um espaço simbólico de produção da existência que envolve elementos materiais e imateriais. Desta forma, estão inseridos os processos comunicacionais da população caatingueira, como constitutivo desse espaço. No entanto, esses processos estão em fase de desterritorialização, através de mecanismos jurídico-políticos de controle e delimitação do território, assim bem como de mecanismos

economicistas, pela imposição da lógica do capital. Um dos aspectos fundamentais desse processo é o desenraizamento e enfraquecimento das relações sociais, pela perda dos vínculos de parentesco e de amizade, tão importantes para a constituição das territorialidades caatingueiras.

Atualmente, o povo de Sento-Sé se constitui basicamente de caatingueiros e beradeiros, sendo esses últimos, moradores da borda do lago e que tiram o seu sustento da pesca e da agricultura. Os caatingueiros, habitantes das roças, em povoados ou fazendas, tiram o seu sustento da criação, da caça de animais e agricultura de sequeiro, mas também da produção de farinha e de doces caseiros. Esse povo foi se fazendo em meio a vários processos de colonização, seja pela matança de seus antepassados, índios e negros, seja pelo modo ignorado da sua existência ou pela imposição de projetos de desenvolvimento. O primeiro grande projeto modernizante que atravessou o seu mundo foi o da construção da hidrelétrica de Sobradinho. Antes dela, conta-se que era à beira do rio que transitavam os vapores, existiam as pescarias nas lagoas, o ajuntamento de todos da Vila, que era a sede e das roças. No tempo da pescaria, acampavam todos na beira do rio para pescar, comprar, vender, brincar, cantar, namorar, esperar os vapores com alimentos, tecidos, calçados e muitas notícias de todo canto do mundo (BARROS, 2016).

No período entre a década de 1970 e os dias atuais, a população do município de Sento-Sé tem enfrentado vários desafios, entre eles o desaparecimento do seu Rio, o São Francisco, que trazia tanta alegria, fartura, esperança. Nesse período se construiu e se consolidou a Barragem e Usina Hidroelétrica de Sobradinho.

A notícia da inundação da cidade de Sento-Sé veio de longe e chegou de boca em boca, no *ouvi dizer*. Era final da década de 1960, auge da ditadura militar no Brasil⁸. Homens de uniforme passavam nas casas fazendo levantamentos do que se tinha e anotando tudo numa relação. Os moradores de Sento-Sé não sabiam, mas no Brasil todo, o rádio, os jornais, as revistas, as canções, já noticiavam a construção desse grande empreendimento, uma barragem que seria construída no alto de Sobradinho para mudar o curso do Rio, criando um grande lago artificial e inundando quatro municípios: Sento-Sé, Casa Nova, Remanso e Pilão Arcado. Cerca de 70.000 mil pessoas seriam relocadas compulsoriamente, para outros lugares.

⁸ Nesse período, em face da construção da Barragem de Sobradinho, os municípios atingidos ficaram sob intervenção militar, havendo assim a suspensão de eleição municipal para prefeito. Esse cargo ficou sob a indicação do Governo da Bahia.

A seguir, as entrevistas são comentadas com o intuito de dar visibilidade ao modo como os deslocados com a Barragem de Sobradinho vivenciaram esse processo, e o que o povo deslocado tem vivenciado em nossos dias o processo de desterritorialização pelas mineradoras e empresas de energia eólica, já adotando de certo modo, a perspectiva teórico-metodológica usada neste trabalho, que é a de ser uma intérprete dessas vozes, através de uma compreensão ativa e responsiva.

3. A comunicação da existência frente a desterritorialização

“A senhora não chore não, porque não vai ver sua terra mais nunca, guarda essas lágrimas pra outra coisa”.

As pessoas não acreditavam que Sento-Sé seria inundada pelas águas do Velho Chico e seo Dico era uma delas: **“mas sempre, sempre, vinha aquela relação que todo mundo ia sair”**. Ele ouvia.

Os nomes das pessoas estavam lá, escritos, várias vezes. Era pra sair mesmo. O recado tava dado. O converseiro era de que a barragem já estava sendo construída e as águas vinham. E aí começaram a barragem lá, quando terminaram, lá vem água, lá vem água subindo [...] A água vinha mesmo, percorrendo o curso determinado.

Seo Astrogildo também não acreditava: “E ninguém acreditava que a gente ia retirar de onde nós tava por causa de água, porque ela chegou. A barragem vai ser feita e o pessoal vai todo mundo retirar que as água vão invadir essa área... Isso aqui é a CHESF, tá? Essa era a fala da Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (CHESF) que alguns moradores chamavam de dona”.

Quando surgiu a mudança, seo José ficou com medo, “por que como é que surge assim, pela boca do povo? Até eu não acreditava, porque qual é a água que vai ter pra tirar a gente daqui?”. Além disso, sair da beira do Rio para o centro da caatinga, por quê? Com qual propósito? De que forma? Tudo isso era segredo, ninguém sabia, ninguém acreditava. E se acreditassem, e se soubessem, o que aconteceria? Que água é essa? De onde vem? O que eles não compreendiam era que essa não era aquela água da cabeceira do Rio que sempre vinha, mas, que essa água seria presa, represada. “Mas depois eles chegaram com a sugestão, vai ter isso, vai ter aquilo [...], mas depois que mudaram de lá pra cá, pegaram a gente botaram aqui aí depois abriu todo mundo e aí a gente ficou nessa

aqui”. Os moradores queriam saber, queriam entender, queriam participar, até porque depois, ia abrir todo mundo. Não havia silêncio, pelo contrário, era um converseiro danado. Ninguém de fora ouvia.

As decisões eram tomadas nos gabinetes. De acordo com o responsável pelo cartório da época, foi uma opção do prefeito que achou por bem relocar a cidade para uma região onde existiam terras melhores e com maior integração com outras cidades. A população nunca participou dessas discussões, sequer foi ouvida e nem informada diretamente. Alguns relocados dizem que a escolha dos lugares era feita, apontando-se o dedo do alto do helicóptero, “como se fossem Deus”. (Seo Dico)

O processo de mudança deste povo ribeirinho foi bastante conturbado e traumático. Os moradores tiveram que se adequar às opções colocadas pela CHESF, com o aval dos governos locais. Foi feita pelos técnicos uma grande campanha de convencimento para que as pessoas fossem para o assentamento Serra do Ramalho.

Mesmo com todo o esforço midiático da CHESF, as pessoas resistiram à mudança, saíram nos últimos momentos, algumas com água na cintura. Um para povoados construídos próximos à borda do lago, outras para a Agrovila Serra do Ramalho e outras para São Paulo, sendo esta escolha inserida na ‘categoria’ solução-própria. Seo João Elias, escolheu ir para Xique-Xique, outra “opção”. Ele foi de barco, levando a sua família. Teve que enfrentar sozinho a força das águas, afirma: “Eu saí hoje de tarde, ando a noite, ando o dia, fui chegar no outro dia de manhã, dá uns três dia”.

Ao se dirigirem aos moradores para os últimos acertos da mudança, os técnicos da CHESF tentavam impor as normas estabelecidas, mas essas eram questionadas e muitas vezes desconsideradas pela população. Em um desses momentos, o técnico interpelou seo Aristides: “**Como é o nome dessa velha?**”. A velha era a mãe de Seo Aristides, que pelo tom da pergunta, parecia atrapalhar o processo, ser desqualificada. “**Essa mudança tá marcada pra quinta-feira**”, disse o técnico. Seo Aristides reage: “eu digo, vai não, não vai não, porque a casa não tá pronta e ela não vai não [...] uma velha doente desse jeito não vai mudar não”. A ‘velha’, no dizer do filho impôs condições à CHESF. Seo Aristides fez questão de afirmar: eu digo. Percebe-se que nesse instante, ele eleva para o plano das palavras seu posicionamento: “eu me coloco”; “eu penso”; “é o que é” e neste caso, os fatos importam. A mãe exatamente por ser doente era uma condição e não uma velha desqualificada, sem importância, um estorvo.

Havia um clima de desconfiança por parte dos moradores uma vez que os relatos de quem já tinha mudado era de muita decepção: não tinha água para beber, não tinha luz, não tinha como plantar, pescar, vender, comprar. Não tinha nada, só a saudade apertando o coração.

Mesmo sendo ignoradas todo o tempo, especialmente por não serem ouvidas, as pessoas ‘caçaram’ informações, explicações e buscaram as autoridades. Muita gente se revoltou, ficou revoltado, triste porque deixar seu lugar de origem que ali, nasceram ali, seus pais nasceram ali. Ali era o seu lugar, as suas raízes, a sua vida, a sua terra, o seu jeito de pensar, de ser e de viver. Os seus pais, avós, tios, primos, filhos, nasceram ali. Cada um é filho, neto, sobrinho de alguém. “[...] mas, fazer o que, se a gente tomou conhecimento [...]”. Foi tomado, apenas tomou, sem saber.

Seo Geraldo foi conversar com o promotor sobre as indenizações e ouviu o seguinte: **“olha, vocês têm que sair porque é problema do Governo Federal, ninguém pode dizer nada e a gente tem que aceitar”**. Ele afirma “A gente se revoltou um pouco, mas tivemos que concordar, né? Era o promotor. Se era ele que estava ali para defender o povo, ninguém mais por eles. Como não concordar? “E houve reação, só que não houve aquela repressão, teve pessoas que discuti muito com os técnico, mas de qualquer maneira a gente teve que aceitar” (Seo Geraldo). A ‘repressão’ era a palavra corrente de um regime militar. Se houvesse repressão já era o fim de tudo. ‘Discutir’, era o limite, era até onde se podia ir e aceitar era ‘não ter querer’.

As tensões não pararam depois da mudança, pelo contrário, só aumentaram. Além da casa para morar, tiveram que lutar pelas terras para plantar. A grilagem de terras na região se tornou uma prática intensa, inclusive com a participação de políticos e membros do judiciário. Seo Geraldo perdeu as suas terras assim. Ele ganhou o lote, mas não concordou com a qualidade. Foi sugerido por duas representantes da CHESF que ele escolhesse um outro. No entanto, “os rico grilaram a terra, um deles era delegado do Instituto de Terras da Bahia (INTERBA). Aí a gente ficou debatendo com eles...”. Na verdade, se debatendo, indo atrás, reclamando, pedindo providência. Era assim, quando os envolvidos percebiam essa movimentação, os mecanismos de coerção violenta apareciam. “[...] Eles botaram pistoleiro aí pra querer tirar a vida da gente, que a senhora sabe o rico com o pobre, é só o pobre é quem sofre, né?”. Para que não houvesse o embate direto, as autoridades responsáveis tentavam ludibriar as pessoas: “Não, a gente vai

resolver. Na mesma da hora que a gente saía de lá, a máquina entrava fazendo o serviço atrás”. (Seo Geraldo).

Outro modo de se relacionar e de se comunicar com as pessoas, era através das ironias, das chacotas com os modos de ver, de pensar, de sentir e de se comunicar dos beradeiros e caatingueiros. Para dona Avani, “o dia da mudança foi um começo do fim do mundo, porque a gente chorava de lá até chegar aqui, aliás que eu passei muito tempo...”. Esse tempo da saudade ainda não acabou e muitos ainda choram e esperam serem indenizados adequadamente. Mesmo assim, eram obrigados a ouvirem chacotas, deboches, como dona Avani nos relatou: “um dia eu encontrei com um sociológico lá em Sobradinho e sempre só retornava em cima disso, e sempre a charada: diz que tem uma senhora aí de idade que sempre chora? É aquela ali.” As raras conversas dos deslocados com a CHESF aconteciam com os “sociológicos”, que na maioria das vezes ironizavam da situação. Mesmo quando a intenção era de aproximação, havia um distanciamento dos sentimentos e da natureza da dor sentida pela população deslocada. Dona Avani não esquece daquelas palavras: **“senta aqui perto de mim”**. **“Aí pegou e disse: a senhora chora por quê?”** “Eu digo, porque a saudade”. Era o seu sentimento, era o que ela sentia e era preciso dizer. Essa é a verdade. Mas, o “sociológico” não ouviu e por isso, ele disse: **“pois a senhora não chore não, porque não vai ver sua terra mais nunca, guarda essas lágrima pra outra coisa”**.

Os enunciados de beradeiros e caatingueiros aqui transcritos sobre o modo como vivenciaram a imposição do deslocamento, em face da construção da Barragem de Sobradinho, foram possíveis de serem formulados a partir de uma escuta atenta, ativa e responsiva aos processos de enunciação expressados por eles. Essa comunicação denuncia os conflitos a que estiveram submetidos e que ainda interferem nas suas vidas. Este povo é o mesmo que agora se vê novamente sendo ignorado.

4. Novos Projetos, mais silenciamento, mais sentimento perdido

Estamos no início dos anos 2000⁹ e as notícias chegam pelo vento, levando as pedras do caminho, tudo para a boca da onça.

⁹ 2000 datam o início das pesquisas pelas empresas para identificação dos campos para implantação da energia eólica, contudo tais projetos só começaram a ser implantados em 2013.

A caatinga é a grande cobiça, mas também o ar e o subsolo. Essas notícias também chegam como antes, de boca em boca, no **ouvi dizer**. Nas mídias, corre a notícia de que Sento-Sé tem os melhores ventos do Brasil, uma das maiores reservas de minério do país e o bioma com a maior diversidade de fauna e flora do Nordeste. O professor Ananias, também conhecido como Galo, em entrevista nos informa sobre os projetos e programas que visam as transformações no município se têm chegado até ele, professor, radialista e fotógrafo de tudo o que se passa no município. Ele afirma que tem percebido desde 1998 uma movimentação, principalmente na região do Boqueirão da Onça, região das serras, conhecida pela quantidade e variedade de animais, plantas, minérios e nascentes de águas cristalinas.

Embora já houvessem naquela época empresas propriamente interessadas na exploração desses tais minérios, ele pressupõe que na verdade já se fazia observação dos canais de vento que sopravam na região. Os primeiros contatos foram com a Empresa Brennand Energia, em 2008. “Então eles contataram com a gente, aí fizeram o contrato e a gente assinou”. Em 2000 e ainda hoje, para o caatingueiro, é tudo muito vago. A natureza do projeto eólico, suas implicações. Mas o que se podia ver concretamente era a oportunidade de mais uma renda, por isso, arrendar a área. Segundo professor Domingos, “se falava em energia eólica, mas por história, por ouvir dizer aquilo que existia nos livros, mas praticamente não conhecia”. Atualmente, com as torres já produzindo energia, a família recebe 1% do faturamento de cada uma delas, mas essa é uma questão problemática ainda. Foram até então instalados quatro parques no povoado: Pedra Branca, São Pedro do Lago, Sete Gameleiras e Baraúnas. Em cada parque, existem diversos aerogeradores, alguns já produzindo energia. A energia é produzida no parque e transmitida para a Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) que a redistribui. O povo não sabe nada. Dona Francisca afirma: “A empresa não vai se adaptar a mim, nós

O consórcio constituído entre a Brennand Energia, a Brennand Energia Eólica S.A. e a Chesf surgiu com o objetivo de desenvolver e operar inicialmente 3 (três) parques eólicos: Pedra Branca, São Pedro do Lago e Sete Gameleiras, objeto do Leilão n.º 007/2010, realizado pela Aneel.

Pedra Branca S.A., São Pedro do Lago S.A. e Sete Gameleiras S.A., por sua vez, têm por objeto única e exclusivamente a implantação, exploração e comercialização, na qualidade de "produtora independente de energia elétrica" gerada a partir dos potenciais eólicos denominados: "EOL Pedra Branca", "EOL São Pedro do Lago" e "EOL Sete Gameleiras". O Complexo Eólico Sento Sé I está localizado na cidade de Sento Sé, Estado da Bahia, com sede na cidade do Recife, Estado de Pernambuco, contando com 45 aerogeradores, que totalizam 90 MW de capacidade instalada, e está em operação integral desde fevereiro de 2013. <https://eletrobras.com/pt/Paginas/Sento-Se.aspx>

é que temos que nos adaptar. Onde é que vai fazer o projeto, onde é que vai ter o gerador, empresa quem sabe”.

Há uma desconfiança da incompatibilidade entre o modelo de instalação dos parques eólicos com demarcações, cercas, etc. e o modo tradicional de ocupação da terra. A criação dos parques vai se constituindo em um processo de desterritorialização da população caatingueira. A luta pela permanência na caatinga passa pela enunciação dos conflitos que emergem com a forma como os projetos estão sendo impostos, ao mesmo tempo em que os moradores buscam formas de intervir.

Os caatingueiros por não terem a quem dizer o que pensam, manifestar os seus conhecimentos, os seus desejos, enunciar seus problemas é muita agonia, porque sempre fizeram tudo falando, conversando com as pessoas, com os bichos, as plantas, cantando, benzendo e rezando. A empresa adentra as terras, corta as árvores nativas como o imbuzeiro ou umbuzeiro. Os índios o chamavam de “árvore que dá de beber”. É forte, resistente, alimenta pessoas e animais. No tempo do verde traz fartura, sombra, “imbu” verde, “imbu” maduro, “imbuzada¹⁰”. No tempo seco, guarda água em suas raízes, adormece. Nos dois tempos, acolhe os animais na sua sombra e nos seus galhos: bodes e ovelhas descansando, periquitos, rolhinas, cardeais, pousando e revoando de pau em pau. É conhecida como a “árvore sagrada do sertão”, símbolo de fé e resistência. A empresa não quer saber dessas coisas. Seo Chicada denuncia: “cortaram os imbuzeiros que nós tinha muita amizade”. Esse é um sentimento de pertencimento, acolhimento, proteção. “Eles cortaram para fazer estrada, eram quatro imbuzeiros, os bichinhos juntos, onde as ovelhas descansavam, mas nem deu certo a estrada”. Para o caatingueiro, não existe essa separação entre bicho, homem, planta. É tudo vivente¹¹. Vem a empresa e só vê a estrada. Nesse território ontológico, a vida se manifesta em todos os seus aspectos materiais e imateriais, constituindo vínculos sociais, interdependências, portanto, relações sociais.

A criação do Parque Boqueirão da Onça vem promovendo um amplo processo de desterritorialização dos caatingueiros, considerando que os seus modos de lidar com a terra e com os animais está sendo forçosamente alterada pelos mecanismos jurídicos do Estado, através de seus órgãos de proteção ambiental e com a intervenção direta de organizações ambientais. Além da ameaça de deslocamento compulsório da população,

¹⁰ Imbu ou Umbu. Papa de umbu misturada com leite e açúcar. Pode ser comida ou bebida com farinha.

¹¹ Ver DE MARCO (2003).

o território que antes era do domínio cultural, simbólico da população caatingueira, agora se constitui em um ambiente jurídico-político, delimitado e controlado por forças externas.

É notadamente perceptível que o município atual se configura em lugares do “antes” e do “depois” do deslocamento. Não existe mais rio e nem beiradas, como antes, mas o lago, cujas bordas pertencem a grandes proprietários, beneficiados pela política da Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF), responsável pela nova organização dos espaços atribuídos à população deslocada, tanto em relação às terras quanto às moradias. Os antigos beradeiros receberam lotes afastados da margem do lago, passando a depender das chuvas para praticar a agricultura, comparando-se aos caatingueiros, que vivem na e da caatinga, em roças, povoados e fazendas. Especialmente esses últimos, enfrentam atualmente o atravessamento de três grandes projetos de modernização: a implantação de parques eólicos; a instalação de um parque nacional de conservação, o Boqueirão da Onça, e a exploração de seus recursos minerais por garimpeiros e grandes empresas do setor de mineração.

A maior parte do território de Sento-Sé fica na caatinga. Uma área enorme rodeada por serras e de onde se pode avistar o Lago de Sobradinho, percorrendo a outra extremidade do município. É o maior bioma do Nordeste e o único exclusivamente brasileiro, mas somente agora está sendo visto como importante e, por exemplo, obtendo o reconhecimento de que os caatingueiros que nele vivem são povos tradicionais, conforme o que estabelece o Decreto nº 6040, de 07 de fevereiro de 2007, art. 3º, inciso I.

Esse reconhecimento, no entanto, não se traduz em ações práticas, uma vez que esse povo não é considerado enquanto tal pelo Estado e pelas empresas que adentram o seu mundo para explorar as suas riquezas. Segundo dados da “Declaração da Caatinga”¹², essa é uma das regiões mais densamente povoadas, considerando regiões climáticas similares no mundo, portanto, é imprescindível a conservação e uso sustentável dos seus recursos. No entanto, mesmo possuindo uma grande diversidade biológica, esse é o bioma brasileiro menos protegido e pesquisado. Cerca de 50% da vegetação original já foi perdida, em decorrência da exploração dos seus recursos naturais. Vale ressaltar que o

¹² Publicada pela I Conferência Regional de Desenvolvimento Sustentável do Bioma Caatinga – A Caatinga na Rio+20 de 17 e 18 de maio de 2012.

que ainda existe, foi exclusivamente preservado pelo povo caatingueiro, especialmente em Sento-Sé.

A criação dos parques tem alterado o modo tradicional de ocupação das terras, sem que haja um processo de reterritorialização que considere os modos de existir do caatingueiro. Os conflitos enunciados por eles, denunciam o modo como os projetos estão sendo impostos e nos fazem ver, no que dizem e como dizem, as suas tentativas de intervenção, de participação. Não existe, *a priori*, uma oposição a esses projetos, nem uma defesa da sua territorialidade, contudo, percebem que as suas participações não foram previstas. A natureza dos conflitos foi sendo evidenciada à medida que os enunciados podiam ser formulados. No caso dos Parques Eólicos, a incompatibilidade entre a lógica da economia tradicional e a economia do capital ficou evidente.

Um outro conflito vivenciado pela população com esses empreendimentos é o enfraquecimento dos vínculos sociais entre parentes e vizinhos, em decorrência dos conflitos de interesses entre eles. Por fim, a não consideração da natureza ontológica do território caatingueiro tem provocado processos de desterritorialização dos modos de existência desse povo e das suas territorialidades. Esse projeto que cria expectativas de desenvolvimento para a região termina se constituindo em um grande empreendimento que vem de ‘outro mundo e vai para outro mundo [...] uma energia limpa, para um mundo sujo’. Fatos como estes nos levam a pensar qual o mundo que queremos e deixaremos para as novas gerações.

Considerações Finais

Ao ser desenvolvida, esta pesquisa pretendeu mostrar a perspectiva do caatingueiro, no modo como estão percebendo e enfrentando as transformações que estão ocorrendo em seu território, através dos seus processos comunicacionais. Esses processos foram construídos na vivência com o outro “caatingueiro” e com tudo o que o constitui: bichos, plantas, terra, vento, água, serra, céu, vento, seca e verde... Do ponto de vista da pesquisa em comunicação é preciso considerar o contexto como parte do processo comunicacional. Assim como a colonização dos séculos XVI, XVII vandalizaram as terras indígenas, tanto a construção da hidroelétrica de Sobradinho como os atuais empreendimentos de mineração e de energia eólica, no caso dos caatingueiros, têm desconsiderado os modos de existência dessas pessoas à medida que perpetram formas

de exploração tão colonialistas como as do passado. Os conflitos enunciados por eles, denunciam o modo como os projetos estão sendo impostos e nos fazem ver, no que dizem e como dizem, as suas tentativas de intervenção, de participação. O maior conflito entre todos eles, é o desaparecimento do povo caatingueiro e com ele um modo de existência e uma outra perspectiva de mundo. Ao enunciar os conflitos por eles vivenciados, o caatingueiro anuncia o fim do seu mundo.

REFERÊNCIAS

ASSY, Maria Rita do Amaral. **A força inventiva da voz ignorada**. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP, 2014.

ANDRADE, Manuel Correia de. **Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local**. In: Território: globalização e fragmentação. 2. Ed. São Paulo, Editora Hucitec, 2006

BARROS, Edonilce da Rocha. O que ficou sob as águas: ensaio etnográfico de uma população relocada. In: **O paradigma cultural: interfaces e conexões**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2016.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Os involuntários da Pátria**. Aula pública proferida durante o ato Abril Indígena, na Cinelândia, Rio de Janeiro, em 2004/2016. <https://educomambiental.blogspot.com/2016/04/os-involuntarios-da-patria-aula-publica.html>. Acessado em 18-08-2018.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

LIMA, Aurilene Rodrigues. **Memórias dos Lameiros do Velho Chico: história da população transplantada para Quixaba, Sento-Sé BA**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2004.

LOPES, Esmeraldo. **Caatingueiros e Caatinga – A agonia de uma cultura**. Maceió: Gráfica Grafipel, 2012.

HAESBAERT, Rogério. **Da desterritorialização à multiterritorialidade**. São Paulo: Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina - 20 a 26 de março de 2003. Universidade de São Paulo.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

KESTERING, Celito. **Patrimônio Arqueológico de Sento-Sé BA**. São Raimundo Nonato, PI: UNIVASF, 2014.